



Uma Leitura da Apologia do Estatuto da Magreza na Revista Veja¹

Lia LUZ²
Vânia de Vasconcellos GICO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Análise qualitativa de matérias sobre dieta e busca do corpo ideal publicadas nas edições de janeiro a junho de 2005 da revista Veja. Discute-se o tema a partir de uma visão transdisciplinar das Ciências Sociais e da Comunicação Social, associando-se à pesquisa bibliográfica para referencial teórico a análise de discurso. Considerando que a mídia atua como um fator de poderosa influência no campo social, tem-se como objetivo identificar os padrões de beleza e saúde reforçados pelo discurso midiático e apresentar reflexões sobre o estatuto do corpo na sociedade moderna. Conclui-se que Veja embarca nas ondas do consumo da beleza, ao trazer duas matérias de dietas da moda, cultuando mais a busca pelo corpo magro e dentro dos padrões estéticos do que pelo necessariamente saudável.

PALAVRAS-CHAVE: corpo saudável; dieta; magreza; padrões de beleza e saúde; revista Veja

O Corpo na Sociedade Moderna

Embora muitas vezes reduzida ao seu aspecto meramente biológico, a doença resulta de um conjunto de significados e sentidos, traduzidos no nível simbólico como discurso e/ou sintoma, não podendo ser isolada de nossa condição de seres socializados, situados no universo sociocultural. Conforme asseverou Freyre (2009), é preciso enxergar o

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, email: liahluz@gmail.com

³ Professora doutora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, email: vaniagico@gmail.com



indivíduo como um homem situado como um todo biossociocultural. Ou seja, um todo biológico, ecológico e socioculturalmente condicionado, que depende de determinadas situações e não apenas daquela herança biológica que o predisponha a tais ou quais condições de saúde ou enfermidade. “O sociólogo da medicina não se ocupa do homem apenas como indivíduo, como unidade biofísica, mas do indivíduo socializado em pessoa” (FREYRE, 2009, p.63).

Segundo o autor, todo indivíduo sofre a influência do tipo de civilização a que pertence, sendo, dessa forma, necessário considerar o ser humano sempre a partir de três dimensões, a física (no caso, biológica), a social e a cultural, integrando os saberes biológicos e sociológicos. De cada uma dessas dimensões pode vir o fator precipitante da doença, sem que os demais sejam menosprezados, visto que os fatores socioculturais, por exemplo, aparecem, em várias doenças, ora como fatores precipitantes, ora apenas como contribuintes.

Muitas vezes, doenças aparentemente orgânicas nada mais são do que expressões de reação de indivíduos biossocialmente mal ajustados a normas demasiadamente rígidas de convivência socioculturalmente condicionada. É o que ocorre na atualidade com as vítimas do *bullying*, caracterizado por atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidos, ou com muitas pessoas que, não aceitando o próprio corpo, mergulham numa busca desenfreada pela perda de peso com vias a se encaixarem nos padrões estéticos hegemônicos, desenvolvendo, muitas vezes, distúrbios alimentares, como a anorexia, a bulimia e a compulsão por alimentos.

Conforme defendem Adam e Herzlich (2001), a interpretação coletiva da doença, ou de padrões estéticos socialmente aceitos, efetua-se sempre em termos que envolvem a sociedade, suas regras e a visão que dela temos, de forma que a concepção que temos de doença manifesta nossa relação com a ordem social. “Para interpretar os fenômenos orgânicos, as pessoas apoiam-se em conceitos, símbolos e estruturas de referências interiorizadas conforme os grupos sociais e culturais a que pertencem” (ADAM; HERZLICH, 2001, p.82).

A partir dessa ideia de que tanto a doença como os padrões estéticos são construções biossocioculturais, modulados segundo diferentes grupos sociais e culturais,



questionamos, a partir da análise de matérias jornalísticas relativas a dietas e busca do peso ideal publicadas na revista semanal *Veja*, quais seriam alguns desses referenciais interiorizados na sociedade atual em relação à obesidade, à magreza e ao corpo saudável. Para responder tal questão, precisamos, antes, debater os principais conceitos que caracterizam a sociedade moderna, ou modernidade, o que faremos com base no pensamento de Anthony Giddens.

Segundo esse autor (1991, 1994, 2000), a modernidade refere-se ao estilo, ao costume de vida e à organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que acabaram se tornando mais ou menos mundiais em sua influência e nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social. A sociedade moderna, portanto, pode ser descrita como aquela que superou seu passado, não estando mais sujeita às tradições, aos costumes, aos hábitos, às rotinas, às expectativas e às crenças que caracterizavam sua história. O mundo hoje seria um mundo pós-tradicional, no qual inúmeras tradições, crenças e costumes se misturam entre si. Nesse novo cenário, temos um passado cada vez mais enfraquecido e, conseqüentemente, mais olhares voltados para o futuro, conforme nos assegura Giddens:

Quando o passado perde sua influência, ou torna-se apenas uma ‘razão’, entre outras, para alguém fazer o que faz, os hábitos preexistentes representam apenas diretrizes limitadas para a ação; ao passo que o futuro, aberto a numerosos ‘cenários’, torna-se irresistivelmente interessante (1994, p.92).

Tal paradigma acaba por operar alterações identitárias nos indivíduos. Se, enquanto nos tempos pré-modernos nossa relação com a sociedade, nossa identidade social era restringida e limitada pela tradição, pelo parentesco e pela localidade, hoje essa relação é muito mais ambígua. O indivíduo agora é o responsável pela sua própria identidade social, e não mais os contextos, as comunidades e as expectativas que antes delimitavam a noção de quem era e como vivia.

Assim, sustenta Giddens: como a tradição e os costumes não garantem mais quem somos nós, o reconhecimento da própria identidade através das relações pessoais e sociais torna-se regra básica da vida moderna. Ao lado dessa autopercepção, prossegue, também é necessário empreender um projeto reflexivo individual, buscando um caminho próprio entre as ameaças e promessas da sociedade moderna.



Dessa forma, estaríamos vivendo o que o autor define como a reflexividade social, a qual diz respeito a “uma sociedade onde as condições em que vivemos são cada vez mais resultado de nossas próprias ações, e, inversamente, nossas ações visam cada vez mais a administrar ou enfrentar os riscos e oportunidades que nós mesmos criamos” (GIDDENS; PIERSON, 2000, p.20). Em outras palavras, a reflexividade da vida social moderna consistiria no fato de que nossas práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre essas próprias práticas.

Nesse contexto social instável e mutante, no qual os meios tradicionais de produção de identidade (família, religião, política, trabalho, etc.) se encontram enfraquecidos, é possível imaginar que muitos indivíduos estejam se apropriando do corpo como um meio de expressão do *eu* (MATTOS; LUZ, 2009). “O enfraquecimento da consciência coletiva, do espírito de solidariedade e dos valores coletivos têm provocado fragmentação dos laços sociais, levando os sujeitos a supervalorizarem o corpo como o companheiro ideal e fiel” (MATTOS; LUZ, 2009, p.493).

Estudos que têm por objeto a obesidade e a busca pelo corpo belo e saudável, na perspectiva das ciências humanas e sociais, tornam-se relevantes na medida em que o corpo magro parece ser o único tipo valorizado e reconhecido na sociedade, gerando sofrimento e adoecimento nos sujeitos que não se enquadram nesses padrões hegemônicos de beleza. “A supervalorização da magreza transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o obeso, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar uma marca moral indesejável, ou seja, um estigma” (MATTOS; LUZ, 2009, p.490).

A mídia ajuda a sustentar esse olhar cultural hegemônico, ao enfatizar e interferir, por meio de palavras e imagens, na construção dos corpos belos e saudáveis, como afirmam Mattos e Luz (2009). A norma atual, de magreza, ganhou força histórica a partir de meados do século XX gerando sofrimento no âmbito físico, social, afetivo e moral para as pessoas gordas. Entramos no século XXI com a tríade ser bela/jovem/saudável difundida exaustivamente pela mídia. Para Del Priore (2000), a supremacia da aparência em que vivemos coloca a estética como motor da existência. A feiúra é vivida como um drama, e a gordura, como maldição do corpo. A obesidade é o estigma maior dessa maldição.



Os obesos tornam-se estigmatizados na medida em que não se enquadram nos padrões hegemônicos de beleza da sociedade contemporânea, sendo vítimas de isolamento social e afetivo e, conseqüentemente, acometidos por angústia, depressão e sensação de abandono. Conforme apontado por Vilhena, Novaes e Rocha (2008), a beleza é via para a possibilidade de ascensão social dos contos de fada (*O Príncipe e a Gata Borralheira*) às produções cinematográficas (*Uma Linda Mulher*) e mesmo no mercado de trabalho; beleza é valor e moeda de troca – beleza é capital. Segundo esses autores, a beleza assume lugar como valor social, fazendo com que nossos referenciais identitários estejam enraizados nas expectativas relativas ao corpo, e qualquer contravenção estética maior provoca um mal-estar.

Partindo do pressuposto que a mídia parece operar sua ação em todas as esferas da vida social, sintetizando em discursos aspectos de vida ditos ideais, questionamos de que forma ela colabora para esse culto extremo ao corpo. Para tal, analisamos qualitativamente oito matérias sobre a busca do corpo belo e saudável publicadas nas edições de janeiro a junho de 2005 da revista *Veja*, com o objetivo de identificar os padrões de beleza e saúde reforçados pelo discurso midiático e apresentar reflexões sobre o estatuto do corpo na sociedade moderna.

Na leitura das matérias do corpus, utilizamos a análise de discurso, que ajuda a compreender como o discurso funciona no seu contexto, tendo como palavras-chave para as categorias de análise o corpo, a sociedade, a saúde e a beleza. Tal técnica de análise envolve a reflexão acerca das condições de produção dos textos analisados, as quais, de acordo com Orlandi (2001), os situam em um contexto histórico-ideológico mais amplo.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia (*sic*) de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (2001, p.15).



Assim, conforme a autora, com essa técnica, que concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade social, procura-se compreender a língua fazendo sentido, visto que o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

A Revista Veja

A revista *Veja* foi lançada em setembro de 1968, em plena época de ditadura no Brasil. Na Carta do Editor, Civita (1968) escrevia aos seus potenciais leitores que *Veja* queria ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros. Para fazê-la, foram selecionados cem de 1,8 mil candidatos universitários de todos os Estados, para realizar um inédito curso intensivo de jornalismo. Ao término do curso, 50 foram selecionados e, junto com outros talentos, formaram aquela que Civita chamou de a maior equipe redacional já reunida por uma revista brasileira.

Veja nasceu com tiragem de 700 mil exemplares, com o objetivo de oferecer aos leitores uma seleção ordenada e concisa dos fatos essenciais da semana em todos os campos do conhecimento, explicando seu significado, fornecendo seu pano de fundo e servindo como uma espécie de rascunho semanal da história. Pensada nos moldes da norte-americana *Time*, lutou com dificuldade, durante sete anos, contra os prejuízos e contra a censura do governo militar, até acertar sua fórmula. As vendas começaram a melhorar quando a revista passou a ser vendida por assinatura, em 1971. Hoje as assinaturas correspondem a cerca de 80% da venda dos cerca de 1,2 milhão de exemplares semanais (Scalzo, 2003). É atualmente a terceira revista de informação mais vendida no mundo, atrás somente de duas norte-americanas: *Time* e *Newsweek*.

Resultados e Discussão

Já na primeira edição de 2005, com data de 5 de janeiro, *Veja* traz o texto *Na balança, sem culpa – NÃO embarcar nas dietas da moda*, no qual o autor, o endocrinologista Geraldo Medeiros, afirma que os regimes da moda são uma forma inadequada de lidar com o excesso de peso, acrescentando que:



A última pesquisa pela internet indica que nos últimos trinta anos 1.480 títulos de livros sobre dietas já foram publicados: dieta da lua, do grupo sanguíneo, dieta ortomolecular, de South Beach, do Dr. A, B ou C, do homem que bebe, dietas com muito carboidrato ou com pouco carboidrato, dietas que excluem frutas, ou que mandam comer muito alho, alcachofra ou berinjela (MEDEIROS, 2005, p.67).

Naquele mesmo mês, na edição de 26 de janeiro, Veja publica a matéria *O ataque do sanduba assassino – Enquanto o governo americano recomenda que a população faça regime, rede de lanchonetes lança um super-hambúrguer de mais de 1.400 calorias*, no qual aborda a delicada relação entre o que é interesse do mercado é as políticas públicas. O lançamento do Monster Thickburger pela indústria alimentícia norte-americana, por exemplo, coincide com a divulgação, pelo governo dos Estados Unidos, de um novo pacote de diretrizes nutricionais para a população, bem mais rígido do que os anteriores.

Tem enfoque similar, de contrapor políticas públicas à indústria alimentícia, a matéria *Alerta contra a gordura trans – Ganha força o movimento para banir da alimentação a mais perigosa das gorduras*, da edição de 23 de fevereiro, sobre a redução e mesmo a eliminação da gordura trans dos alimentos. No Brasil, informa a matéria, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) determinou que até 2006 os rótulos dos alimentos industrializados devem informar o consumidor sobre a quantidade de gordura trans contida neles. O mesmo prazo foi dado pela FDA às empresas americanas. Em 2002, segue o texto, o McDonald's anunciou que, no ano seguinte, cortaria a gordura trans da cozinha de seus restaurantes americanos. Como não cumpriu o prometido, foi processado em milhões de dólares pela organização não-governamental BanTransFats.com.

Na edição de 9 de março, a matéria *Menos gordura, mais neurose – A cirurgia de redução do estômago pode levar a depressão, bulimia, anorexia e alcoolismo, entre outras doenças psiquiátricas* aborda um problema social surgido com a cirurgia bariátrica, de redução do estômago. Segundo a matéria, o Brasil, na ocasião, só perdia para os Estados Unidos em número de procedimentos daquele tipo, realizando, todos os anos, 15 mil deles. A cirurgia é de alta complexidade e, como tal, implica perigos, mas há um tipo de complicação pós-operatória que não se relaciona ao ato cirúrgico em si, e sobre o qual pouco se fala: são os transtornos psiquiátricos. Para cerca de 20% dos operados, a conquista da magreza leva a depressão, bulimia, anorexia, alcoolismo,



dependência de drogas ou compulsão por jogo, compras ou sexo, já que o operado tem a difícil tarefa de aprender a viver e pensar como magro, o que não é fácil, informa a matéria.

Na edição de 30 de março, *Veja* traz a matéria *Café-da-manhã emagrece – Pois é: um desjejum saudável queima calorias, evita exageros no almoço e... pode ser gostoso, vai*, citando que em edição de fevereiro do *American Journal of Clinical Nutrition*, publicação científica muito respeitada entre os nutricionistas, pesquisadores da Universidade de Nottingham, na Inglaterra, sugerem que um desjejum mais farto e saudável deixa o organismo menos sensível à ação da insulina, cujo excesso faz o organismo produzir mais gordura e, portanto, engordar. Preocupada com o hábito de muitos brasileiros de pular tal refeição, a revista reforça que os benefícios de um bom café da manhã vão além de um corpo mais esbelto; também protege contra diabetes e evita a formação de pólipos intestinais.

A matéria *Sintonia fina à mesa – Depois de contar calorias, carboidratos e proteínas, os cientistas focam no índice glicêmico para melhorar a dieta*, da edição de 27 de abril, apresenta a dieta do baixo índice glicêmico, o qual define a capacidade de um alimento aumentar os níveis de açúcar no sangue (quanto mais açúcar na corrente sanguínea, maior é a produção do hormônio insulina). O curioso é que uma das fontes dessa matéria, que traz uma dieta que pode ser considerada da moda, é justamente o endocrinologista Geraldo Medeiros, o mesmo que publicou artigo na edição de 5 de janeiro recomendando os leitores a não embarcarem nesse tipo de dieta. Esta, em especial, tem algumas artimanhas.

Segundo o texto, em geral, alimentos com índice baixo são preferíveis aos alimentos com índice maior, mas existem algumas exceções: a batata frita tem um índice glicêmico menor do que o do batata cozida, porque a gordura requer um tempo maior de digestão e acaba fazendo com que a glicose suba mais lentamente no sangue. A batata cozida, no entanto, é um alimento bem mais saudável. O caso da cenoura também é curioso: seu índice glicêmico é altíssimo, mas, como ela possui uma quantidade ínfima de carboidratos por porção, seu impacto sobre os níveis de açúcar no sangue não é grande.



A matéria ainda informa que o regime já caiu no gosto de australianos, canadenses, ingleses e é sucesso nos Estados Unidos. No entanto, para contrabalancear tal incentivo de levar os leitores a embarcarem na dieta da vez, que é um tanto confusa, conforme exemplo da batata e da cenoura, Veja admite que embora o índice seja uma nova e poderosa ferramenta para refinar cardápios e torná-los mais saudáveis, as dietas que se baseiam na quantidade de calorias consumidas diariamente continuam a ser das mais equilibradas, já que se pode comer de tudo, em pequenas quantidades.

Na matéria *Radicalismo engorda – Táticas severas para emagrecer podem ter o efeito contrário em adolescentes*, da edição de 4 de maio, o regime segue sendo a pauta, mas com outro enfoque: o texto afirma que adolescentes que recorrem a dietas radicais têm mais risco de se tornarem obesas do que aquelas que abusam da ingestão de alimentos gordurosos. A conclusão é de um estudo da Universidade do Texas, em Austin, que, durante quatro anos, acompanhou cerca de 500 garotas dos 11 aos 15 anos. Segundo a pesquisa, o uso de laxantes e jejuns prolongados – práticas adotadas sem recomendação médica por um número crescente de adolescentes – tendem a estimular com os anos mais o ganho do que a perda de peso. De acordo com um dos autores do estudo, em vez de adotarem regimes radicais, as meninas e adolescentes deveriam preocupar-se em fazer exercícios físicos regulares e ingerir calorias na quantidade exata que necessitam para viver nessa fase crucial do desenvolvimento.

Por fim, o período encerra com a matéria *A dieta dos iniciantes – Novo livro adapta ao sistema de pontos o regime mais simples que existe: comer pouco e fazer exercícios físicos*, publicada na edição de 25 de maio. O livro *A Balança dos Pontos*, do fisiologista Turibio Leite de Barros e da nutricionista Patrícia Bertolucci, tem por objetivo ajudar, de forma razoavelmente simples, qualquer um a montar seu programa para perder quilos extras, casando restrição alimentar e exercícios físicos. A recomendação deles é começar com uma análise minuciosa da alimentação e da atividade física habitual, contabilizando ponto por ponto – com base em duas longas tabelas no fim do livro – tudo o que entra e sai na matemática calórica do corpo até chegar à média diária em cada um dos pratos da balança.

Percebe-se, assim, que, de modo geral, Veja costuma tocar na questão da busca do corpo ideal a partir de divulgação dos permitidos e proibidos, ou seja, do que se pode e



não se pode comer, e como se deve fazê-lo, naquele dado momento atual. A revista também aborda a questão dos interesses mercadológicos e o paradoxo entre o que é bom para a indústria alimentícia e o que preconizam as políticas públicas. Da mesma forma, busca inserir nas temáticas apresentadas as mazelas sofridas por indivíduos que, situados à margem dos padrões hegemônicos de magreza, buscam transformar o corpo para alcançar o modelo considerado ideal e, assim, sentirem-se adaptados.

Considerações Finais

Partindo do pressuposto que a mídia parece operar sua ação em todas as esferas da vida social, sintetizando em discursos aspectos de vida ditos ideais, questionamos, durante a análise das matérias, de que forma ela colabora para o culto ao corpo belo e saudável. Veja parece seguir as ondas da beleza, ao trazer, em suas páginas, pelo menos duas matérias de dietas consideradas da moda, cultuando, assim, mais a busca pelo corpo magro do que o saudável. Nesse sentido, a revista chega, inclusive, a incorrer em contradição, uma vez que na primeira reportagem sobre os cuidados com o peso, publicada em janeiro, chegou a sugerir aos leitores que não embarcassem em tais dietas.

A revista esforça-se, dessa forma, em responder aos anseios daqueles que, no nosso contexto social instável e mutante, em que o indivíduo passa a ser o responsável pela sua própria identidade social, e não mais os contextos, as comunidades e as expectativas que antes delimitavam a noção de quem era e como vivia, supervalorizam o corpo como o companheiro ideal e fiel (GIDDENS, 1994) (MATTOS; LUZ, 2009). Nesse sentido, a publicação também realiza um exercício crítico ao situar tal problemática numa esfera mais ampla, abordando os estigmas que envolvem o sobrepeso e como eles acabam influenciando na saúde de muitos indivíduos que, desesperados, desenvolvem algumas neuroses ou radicalismos.

Assim, considerando que mesmo que não condicione comportamentos ou ações sociais, a mídia atua como um fator de poderosa influência no campo social, construindo, em seu discurso, um recorte da realidade que tem possibilidades de se tornar hegemônico, colaborando na manutenção de práticas e padrões no interior da sociedade, podemos afirmar, de modo geral, que Veja contribui para a manutenção do estatuto da magreza na sociedade atual.



REFERÊNCIAS

ADAM, Philippe. HERZLICH, Claudine. **Sociologia da doença e da medicina**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 2001

BERGAMO, Giuliana. Menos gordura, mais neurose. **Veja**. São Paulo, v.38, n.1895, p.104-107, 9 mar. 2005

BUCHALLA, Anna Paula. Sintonia fina à mesa. **Veja**. São Paulo, n.1902, v.38, n. 1902, p.118-120 27, abr. 2005

_____. Café-da-manhã emagrece. **Veja**. São Paulo, v.38, n.1898, p.64-65, 30 mar. 2005

CIVITA, Victor. **Carta do editor**. 1968. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/numero1/p_020.html>. Acesso em: 10 jun. 2005

DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Sociologia da Medicina**. São Paulo: É Realizações, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1994.

_____. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991

GIDDENS, Anthony ; PIERSON, Christopher. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

MATTOS, Rafael da Silva ; LUZ, Madel Therezinha. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. **Physis [online]**. 2009, vol.19, n.2, pp.489-507. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000200014&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 12 abr. 2010

MEDEIROS, Geraldo. Na balança, sem culpa. **Veja**. São Paulo, v.38, n.1886, p.66-67, 5 jan. 2005

MOHERDAUI, Bel. A dieta dos iniciantes. **Veja**. São Paulo, v.38, n.1906, p.86-88, 25 maio 2005

NEIVA, Paula. Alerta contra a gordura trans. **Veja**. São Paulo, v.38, n.1893, p.72-73, 23 fev. 2005

O ATAQUE DO SANDUBA ASSASSINO. **Veja**. São Paulo, v.38, n.1889, p.70, 26 jan. 2005

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed. Campinas: Pontes, 2005.

RADICALISMO ENGORDA. **Veja**. São Paulo, v.38, n.1903, p.81-82, 4 maio 2005



SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

VILHENA, Junia de, NOVAES, Joana de Vilhena e ROCHA, Livia. Comendo, comendo e não se satisfazendo: apenas uma questão cirúrgica? Obesidade mórbida e o culto ao corpo na sociedade contemporânea. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v.8, n.2, p.379-406, jun. 2008